

# “ODOR DE ROSAS”: FAMÍLIA E MEMÓRIA DA PHEBO EM BELÉM

**Fernanda Valli Nummer**

Universidade Federal do Pará | Belém - PA - Brasil

submissão: 19/02/2019 | aprovação: 16/05/2019

Esta é a primeira parte de um projeto que pretende resgatar a memória da empresa Phebo, na cidade de Belém, Pará, a partir da realização de entrevistas com a família dos fundadores da empresa, os Santiago, apoiada no sabonete “Odor de Rosas”, como suportes de memória. O sabonete “Odor de Rosas” foi o primeiro produto criado pelos irmãos Santiago e ainda está no mercado, porém apresentando fórmula diferente da original. Procura-se construir a origem da fábrica e as relações de parentesco dos portugueses que chegaram à Amazônia nos anos 1930, no século XX, em busca de trabalho em uma fábrica de chapéus artesanais e de tabaco, e que receberam uma saboaria como pagamento de uma dívida, casa que, em 1936, viria a ser registrada como Perfumaria Phebo Ltda. O Sr. Maximino Rodrigues da Costa era um português que já morava em Belém e foi responsável por conceder a “Carta de Chamada”<sup>1</sup> ao Sr. Antônio da Silva Santiago. No início da década de 1920, o Sr. Mário da Gouveia Santiago e o Sr. Silvio Gouveia, primos do Sr. Antônio por parte de mãe, fundaram a Phebo.

O Sr. Silvio Gouveia Santiago não ficou muito tempo em Belém, pois retornou a Portugal logo após a abertura da Phebo, e também não casou nem teve herdeiros. Já o Sr. Antônio da Silva Santiago foi pai de três mulheres e o Sr. Mário da Gouveia Santiago, de cinco mulheres, as quais – uma filha de Sr. Antônio, D. Odete, e duas do Sr. Mário, D. Sônia e D. Sílvia – são inicialmente fontes do estudo das dinâmicas das redes familiares que se construíram em torno da fábrica, enquanto referência de uma base identitária da classe alta de

imigrantes de Belém. A fábrica aparece na memória destas mulheres como fonte de renda, já que seus maridos é que trabalhavam no espaço, tanto na sede, em Belém, quando na filial, em São Paulo, para onde o Sr. Mário mudou-se com a família ao final da década de 1950.

De início, buscávamos uma “memória transgeracional” (Halbwachs 1990), pois três das primas têm diferença de idade de quase dez anos; nasceram no Brasil em décadas diferentes de desenvolvimento da fábrica; uma família morou em Belém e outra em São Paulo. Todas as filhas de Sr. Antônio e Sr. Mário chamam-se Maria como primeiro nome. As “Marias” de Belém casaram-se com portugueses e as “Marias” de São Paulo, com brasileiros. Pretende-se conhecer como essas relações se construíram de formas diferenciadas. Pretende-se também compreender se existe uma “memória compartilhada” (Ricoeur 2007) das experiências familiares com a fábrica, tendo em vista que a família teve o controle acionário da empresa entre o período de 1924 a 1988, quando foi vendida a Granado Farmácias®.

Escolheu-se a fábrica Phebo, na cidade de Belém, como objeto de pesquisa em razão de ser parte inerente da história das famílias dos paraenses e de muitos brasileiros. Segundo Sarges (2000), Belém tornou-se um dos grandes centros nacionais, sendo uma cidade importadora de cultura, arquitetura, moda e hábitos europeus, e isso deve ter influenciado os primos Santiago na busca por se alinhar aos padrões europeus de civilização, com a criação do primeiro sabonete de padrão internacional. Os primos portugueses, que

1 Uma das maneiras de conseguir a entrada de imigrantes no Brasil, no final do século XIX e início do século XX, para aqueles que já tinham parentes ou conhecidos no país.

desembarcaram em Belém entre as décadas de 1920 e 1930, chegaram à capital paraense e procuraram um produto que atendesse ao aburguesamento da classe abastada do final do século XIX e início do século XX. O objetivo principal da empresa era criar um sabonete de acordo com o modelo europeu de “*pears soap*”, sabonete transparente.

Histórias da criação da empresa são de ampla divulgação nos *sites* institucionais da Phebo e no vídeo, que buscam retratar a história da empresa: Baldini (2014); Mundo das Marcas (2006); História da Phebo (2013), bem como no trabalho desenvolvido na área de economia de autoria de Chiacchio (2009). Porém, como meu objetivo é compreender como se desenvolveu esta empresa em Belém a partir das recriações das memórias dos agentes sociais com o mundo do trabalho, comecei a pesquisa buscando os relatos da família dos fundadores.

Já foram realizadas entrevistas com a Sra. Odete, filha do Sr. Antônio e da Sra. Sônia, que, por sua vez, é filha do Sr. Mário; com a Sra. Graça, neta do Sr. Antônio; e com a Sra. Laudicéia, segunda esposa do Sr. Ramiro Vidal, marido da irmã, já falecida, de D. Odete. O “suporte de memórias” utilizado nas entrevistas foi o sabonete “Odor de Rosas” e a minha história pessoal e familiar com o produto.

Localizada no bairro do Reduto, a fábrica é um símbolo emblemático de uma Belém próspera. O Reduto era conhecido como “bairro operário”, por ter abrigado grande número de indústrias, porém, atualmente, a Phebo é uma das poucas indústrias que continuam em funcionamento no local. Na paisagem da capital paraense, o bairro é um dos mais antigos, foco de análise privilegiada

da relação entre a modernidade e a manutenção de traços históricos do desenvolvimento da cidade.

As entrevistas estão em andamento porque determinados assuntos familiares ainda são motivos de conflito entre os seus membros. Duarte & Gomes (2008), que estudaram trajetórias transgeracionais e identidade, afirmam que o desenraizamento da tradição familiar pode provocar caminhos que levem o indivíduo à reprodução ou à diferenciação, o que percebemos nas duas famílias já estudadas em relação ao sentido de fundadores da fábrica. A solidariedade e a correção moral, ligadas às gerações passadas, podem expressar-se em tensões e conflitos familiares atuais. O que ainda falta percebermos é como e o porquê estas relações criaram conflitos entre as famílias dos fundadores, embora todas afirmem que “não há conflitos, apenas não são próximas”, quase trinta anos depois da venda da fábrica.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Dra. Maria Cristina Caminha Castilhos França e a Dra. Mônica Prates Conrado, pelas contribuições na leitura e na discussão constante dos dados.

## REFERÊNCIAS

- Baldini, J. R. 2014. *Phebo: História*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6ffnhusJg5w>. Acesso em: 20 dez. 2018.
- Chiacchio, M. A. 2009. Indústria na Amazônia: a história da Perfumarias Phebo S/A em Belém –PA. *Anais do Congresso Brasileiro de História Econômica e Conferência Internacional de História de Empresas* (8/9):1-20.

- Duarte, L. F. D., e E. C. Gomes. 2008. *Três famílias: identidades e trajetórias transgeracionais nas classes populares*. Rio de Janeiro: FGV, FINEP, CNP.
- Halbwachs, M. 1990. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice.
- História da PHEBO. 2013. *Phebo, odor inconfundível*. Disponível em: <http://historiaphebo.blogspot.com/2013/>. Acesso em: 20 dez. 2018.
- Mundo das Marcas. 2006. *PHEBO desde 1930*. Disponível em: <http://mundodasmarcas.blogspot.com/2006/10/phebo-odor-inconfundivel.html>. Acesso em: 20 dez. 2018.
- Ricoeur, P. 2007. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Unicamp.
- Sarges, M. N. 2000. *Belém: riquezas produzindo a belle époque: 1870-1912*. Belém: Paka-Tatu.